

Escolas agrícolas gaúchas recebem equipamentos de emenda parlamentar

Pág. 12



Caros associados,

A nova edição da revista Letras da Terra no formato virtual traz informações importantes para os associados da Agptea e também para as escolas agrícolas do Rio Grande do Sul. Neste mês de maio de 2021 uma das demandas mais esperadas pelos professores se concretizou. No último dia 24, foram entregues, em cerimônia oficial do governo do Estado, os equipamentos agrícolas conquistados com os recursos de emenda da Bancada Gaúcha no Congresso Nacional.

Outra novidade é que desde abril deste ano a Associação conta com a colaboração de Mauro Rosso, que já foi titular da Superintendência da Educação Profissional do Estado (Suepro). Ele chega para assessorar a entidade em busca de novos projetos.

A revista virtual também traz reportagens interessantes. Uma delas é sobre como as escolas agrícolas estão tentando se adaptar ao retorno às aulas presenciais e garantir a segurança de alunos, professores e servidores em meio à pandemia da Covid 19. O presidente do Conselho de Diretores das Escolas Agrícolas Estaduais, Luiz Carlos Cosmam, fala sobre o grande desafio que é fazer este enfrentamento.

Outra reportagem fala dos caminhos do pinhão até a mesa do consumidor. A matéria aborda, entre outros assuntos, como é realizada a atividade no Estado e também mostra um trabalho de pesquisa da Embrapa Florestas, feito em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), que busca conhecer melhor a espécie e viabilizar a produção de pinhões em menos tempo.

A edição traz, ainda, matéria que aborda as pastagens de inverno como uma alternativa de alimento para o gado leiteiro em época de escassez. Vamos saber quais técnicas garantem mais qualidade nutricional. E as culturas de inverno, em especial o trigo que tem uma expectativa de crescimento de área, também estão nesta edição. Estas culturas devem gerar oportunidades de renda aos produtores.

Complementa a revista um artigo do advogado Hernani Fortini, do escritório Fortini & Volcato, de relevante interesse. Trata-se da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD e a Necessidade de Implementação.

Desejamos a todos uma ótima leitura!



Letras da Terra

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO:

AGROEFFECTIVE COMUNICAÇÃO E AGRONEGÓCIO

www.agroeffective.com.br - facebook.com/agroeffective - [@agroeffective](https://twitter.com/agroeffective)

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

Rejane Costa (MTB 00.807/81)
Nestor Tipa Júnior (MTB 9836)

REPORTAGENS E TEXTOS

Larissa Mamouna e Andréia Odriozola

DIAGRAMAÇÃO E ARTE

Marcia Mídia / www.marcamidia.com.br

O desafio do retorno às aulas presenciais



Escolas técnicas agrícolas buscam adaptar modelos para garantir a segurança de alunos, professores e servidores em meio à pandemia

As escolas técnicas agrícolas gaúchas vivem um momento de dúvidas e incertezas quanto ao retorno às aulas presenciais, determinado pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul. Ainda sem previsão de vacinação dos professores e servidores das instituições como grupo prioritário, cada escola está tendo de buscar soluções e alternativas para o enfrentamento da pandemia causada pela Covid-19 com o objetivo de evitar possíveis contaminações dentro da sala de aula, assim como em todo o ambiente escolar.

O presidente do Conselho dos Diretores das Escolas Técnicas Estaduais, Luiz Carlos Cosmam, salienta que um dos grandes problemas é que muitas das instituições de ensino trabalham em regimes de internato. “Temos essa dificuldade a mais e não existe uma fórmula que a gente conheça para dizer que vai dar certo, mas estamos nos organizando e nos adaptando a cada dia, a cada situação”, observa.

Cosmam cita a sua própria escola, a Celeste Gobatto, de Palmeira das Missões (RS), que tem alguns alunos no modelo presencial e outros no modelo virtual. “Estamos nos adaptando a este momento que é de muita dificuldade, atendendo alguns alunos de forma presencial principalmente na parte das docências práticas que são tão importantes para o curso técnico. Temos todas as questões de protocolos sanitários, o uso de equipamentos individuais, como máscaras, e as medidas de distanciamento entre as classes”, destaca.

O dirigente reforça que a grande preocupação é com a saúde da comunidade escolar como um todo. Cosmam defende a urgência da vacinação de professores e servidores das escolas, que deveria ter sido realizada desde o primeiro momento. “Nós estamos na escola com as suas dificuldades, as suas especificidades e as suas realidades. Temos uma preocupação em especial com os internatos, pois são comuns os espaços coletivos como alojamentos, banheiros e salas, assim como também com as unidades educativas de produção onde os alunos desenvolvem as docências práticas”, analisa.

O presidente do Conselho de Diretores diz, ainda, que essas unidades de laboratórios vivos, com animais e plantas, são organizadas para trabalhos coletivos em grupos com alunos, professores e servidores. “Essas práticas são o complemento do curso e onde o aluno vai fundamentar realmente a sua formação profissional para que depois possa atuar no mercado de trabalho. E para minimizar os riscos nestes locais também tivemos que parar”, explica.

Cosmam lembra que com a pandemia o sistema como um todo precisou se reinventar e se reorganizar. Cita a importância das famílias e das comunidades em apoiar as escolas neste momento. “Tivemos escolas fazendo experiências diferentes e o aluno participando juntamente com as famílias. O momento mostrou a importância dos professores. Por isso, quero deixar uma mensagem às nossas autoridades para que dêem valor à educação”, complementa.

Veja a entrevista completa em www.youtube.com/agroeffective



Pastagens de inverno: alternativa em época de escassez de alimento para gado leiteiro



Técnicas como a sobressemeadura garantem qualidade nutricional e prolongam a estação de pastejo

A produção de alimentos constitui uma importante etapa na exploração racional de um sistema de produção de leite. A disponibilidade de forragens em quantidade e qualidade é o fator determinante para que o animal externalize o seu potencial, influenciando diretamente a produção total de leite, potencial reprodutivo, saúde do rebanho, dentre outros aspectos.

Em sistemas de produção animal baseados em pastagens, um dos maiores desafios para o ajuste da produção de alimento às necessidades do rebanho é a distribuição irregular da produção de forragem ao longo do ano. Esse fenômeno é conhecido como estacionalidade de produção. Ele decorre das variações nas condições ambientais, como temperatura, pluviosidade (chuvas), e fotoperíodo (comprimento do dia ao longo dos meses do ano), gerando épocas propícias ao crescimento das forrageiras, em que pode haver excesso de produção, e outras desfavoráveis a esse crescimento, com possível escassez de forragem.

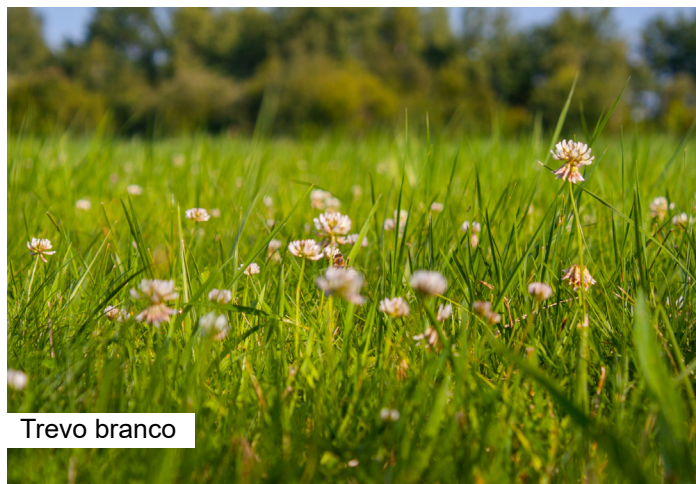
De acordo com a médica veterinária Íris Beatriz

Barbosa dos Santos, que atua como técnica da Gadolando, existem técnicas que podem ser usadas para amenizar os efeitos indesejáveis da estacionalidade, como a sobressemeadura de espécies forrageiras de inverno em áreas anteriormente ocupadas por espécies perenes de clima tropical. “Esta é uma opção a ser considerada para aumentar a produção e a distribuição forrageira estacional e manter o valor nutritivo da forragem durante estações frias. A cultura sobressemeada aproveita o período do inverno em que a forragem perene está pouco produtiva ou até mesmo dormente”, explica.

Para Íris, também é necessário considerar a produção e o valor nutritivo da forragem que variam durante o ano, assim como as exigências dos animais em pastoreio. “Assim, o planejamento do sistema de produção de forragens é indispensável, pois o objetivo é equilibrar a máxima oferta de alimentos de alta qualidade com a exigência nutricional dos animais e evitar, ou pelo menos reduzir, períodos de déficit forrageiro e a necessidade de suplementação”, pondera.



Azevem



Trevo branco

Por que usar pastagem de inverno?

A adoção de espécies forrageiras de inverno em áreas de pastagens tropicais é uma alternativa simples e econômica para minimizar a necessidade de fornecimento de alimento suplementar em parte do Brasil.

Com isso, é possível prolongar a estação de pastejo no outono e permitir que os animais tenham acesso a uma forragem de alto valor nutritivo em parte do ano, já que, caracteristicamente, as forrageiras de inverno apresentam altos teores de proteína bruta e alta digestibilidade durante esse período crítico.

O uso de cultivares consorciadas também é uma possibilidade e tem apresentado resultados positivos em relação à qualidade nutricional e produção de pastagem. Dentre as gramíneas, há destaque para a aveia preta e o azevém, enquanto dentre as leguminosas é comum o uso de ervilhaca, cornichão e os trevos, vermelho e branco. De maneira geral, esses cultivares, em especial as gramíneas, são implantados de maneira estreme, mas também podem ser utilizados em consórcios.

O trevo branco, por exemplo, é uma forragem de alta produção e qualidade, resistente ao manejo intensivo e bem adaptada a consórcios com gramíneas forrageiras. Segundo Íris, ele atua como um fixador biológico de nitrogênio, o que acaba reduzindo o uso de fertilizantes sintéticos e o custo de formação das pastagens. “Trata-se de uma leguminosa que se pereniza por meio de ressemeadura natural e sua época de semeadura vai de abril a junho. Estudos indicam que vacas que consomem pastagens de azevém consorciadas com trevo branco têm sua produção de leite e de sólidos totais aumentada quando comparadas à animais que consomem o azevém estreme”, afirma.

Algumas das alternativas para a implantação de estratégias relacionadas ao manejo de pastagem são: diferimento do pasto, alteração da intensidade do pastejo em determinadas épocas do ano e adequação da carga animal de acordo com a capacidade suportada pelos pastos por meio da compra e venda de animais, utilização de forragem conservada, ou, ainda, uso de adubações.

Fertilizantes nitrogenados

Os fertilizantes nitrogenados são utilizados com o objetivo de contribuir com a produção e qualidade das forragens que compõem os pastos. “A aplicação de nitrogênio (N) é de fundamental importância para o rápido crescimento das plantas, além de influenciar o conteúdo de proteína e estimular o crescimento de gramíneas”, ressalta Íris.

Os esquemas de aplicação de fertilizantes, segundo a médica veterinária, variam de acordo com as plantas, intensidade do manejo e fertilidade do solo. “Sistemas consorciados podem permitir uma rendição na aplicação de N exógeno durante o ano. Isto ocorre porque o emprego de leguminosas fornece N ao ecossistema através da transferência de parte do nitrogênio fixado para as plantas não fixadoras que compõem o dossel. O uso de consorciação de gramíneas e leguminosas incrementa a produção da pastagem e gera altos índices de produção quando comparado ao uso de pastagens bem adubadas. O produtor pode optar, quando viável, pelo sistema de pastejo rotacionado”, propõe.

Para a implantação do mesmo, o número e a categoria dos animais devem ser previamente estabelecidos. Neste sistema, a pastagem é subdividida a partir de três ou mais piquetes, que são pastejados em sequência pelos animais. O pastejo rotacionado difere do pastejo contínuo, em que os animais permanecem na mesma pastagem por um período de tempo indeterminado e geralmente longo, e do

pastejo alternado, onde a pastagem é dividida em apenas dois piquetes que são pastejados de maneira alternada.

Íris destaca que as vantagens desta adoção incluem o melhor aproveitamento da forragem produzida, que ocorre em virtude da maior uniformidade de pastejo, além de proporcionar períodos regulares de descanso do pasto, o que favorece a rebrotação das forrageiras sem que os animais interfiram. “O pastejo rotacionado é altamente eficiente, principalmente no inverno, quando as temperaturas estão mais baixas, os dias são mais curtos e a precipitação é menor, o que demanda um maior período de descanso para que a pastagem possa se restabelecer. É importante ter em mente que o consumo da planta forrageira está associado com a sua qualidade”, salienta.

A profissional conclui que, dentro dos sistemas de produção leiteira baseados em pastagens, o aumento da produção de leite deve ser primeiramente alcançado através do aumento da produção e qualidade de matéria seca da pastagem e não pela inclusão ou aumento de suplementos no sistema quando há outras alternativas a serem consideradas e que, muitas vezes, estarão disponíveis a um custo menor e trarão mais resultados positivos. “Através da elaboração de um bom planejamento associado com boas práticas de manejo de pastagens é possível garantir que haja reserva de alimento para o gado durante todas as estações do ano”, avalia.

Vantagens das pastagens de inverno:

Os benefícios da sobressemeadura de gramíneas de inverno em áreas de pastagens tropicais incluem:

- Redução da estacionalidade forrageira;
- Melhoria na qualidade nutricional da dieta dos animais em pastejo;
- Melhoria da qualidade do leite produzido;
- Diminuição no uso de concentrados e volumosos conservados;
- Maximização do uso da terra, com sua ocupação produtiva no “inverno”;
- Redução da área necessária à produção de alimentos conservados;
- Maximização do uso de equipamentos de irrigação;
- Redução na necessidade de uso de mão de obra e maquinário no “inverno”;
- Melhoria no controle de plantas invasoras.

O que é sobressemeadura?

Sobressemear é estabelecer uma cultura anual em uma área já ocupada por outra cultura perene, sem eliminar a cultura perene, aproveitando um período do ano em que ela está dormente ou pouco produtiva.

Como fazer a sobressemeadura de forrageiras de inverno?

A sobressemeadura de forrageiras de inverno pode ser feita em áreas ocupadas por qualquer capim de verão, desde que o manejo empregado seja adequado. A técnica tem sido mais bem-sucedida em áreas ocupadas por *Cynodon* (Tifton, Coastcross etc.) e *Panicum* (notadamente os de porte baixo), o que provavelmente se deve à melhor fertilidade e manejo em áreas ocupadas por esses capins, que são geralmente componentes de sistemas tecnificados.

Além disso, a exigência hídrica das forrageiras de inverno é alta, sendo que apenas em regiões de inverno chuvoso como no sul do Brasil e no sul do estado de São Paulo é que se pode pensar no cultivo sem irrigação. Nas demais regiões, a irrigação é praticamente obrigatória.

O manejo correto é crucial para diminuir a competição no estabelecimento das forrageiras de inverno sobre as de verão, no outono, ou no momento de retorno das espécies de verão sobre as de inverno, na primavera.

Para diminuir a competição no outono deve-se proceder ao rebaixamento do pasto de verão, que está em final de estação de crescimento, permitindo a germinação da espécie semeada (de inverno) que irá ocupar a área.

Caso o produtor erre no manejo e uma grande quantidade de massa residual esteja presente nos momentos de transição, haverá competição pelos fatores de crescimento (especialmente luz) e a espécie que estiver iniciando seu ciclo será prejudicada na sua capacidade produtiva.

Isso pode ocorrer no estabelecimento das forrageiras de inverno com má formação do estande (população e distribuição de plantas em uma área), ou seja, o pasto de inverno fica mal formado, ralo, com um número pequeno de plantas por metro quadrado.



Pastagem de inverno de aveia em Salvador do Sul, em propriedade de produtor assistido pelo projeto ATeG SENAR. Foto: Paola Juchem/ Acervo pessoal.

A Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD e a Necessidade de Implementação



Hernani Fortini
OAB/RS 78.878

A necessidade da proteção de dados pessoais como forma de proteção da privacidade se mostra cada vez mais presente, pois praticamente tudo o que um indivíduo faz pode ser registrado em um dado, ativo ou passivamente. E esses dados podem se tornar compreensíveis, organizados, ordenados e associados a valores, de maneira a se tornarem informação útil, capaz de ser igualmente armazenada e processada. Ou seja, anotações sobre pessoas, organizadas por critérios e parâmetros.

Neste diapasão, forçoso citar o ilustre professor falecido, Stefano Rodotà, que foi diretor da Autoridade Garante da Privacidade e dos Dados Pessoais na Itália e Presidente do Grupo de Autoridades Europeias sobre Dados Pessoais:

“cada um dos dados, considerados em si, pode ser pouco ou nada significativo: ou melhor, pouco ou nada diz além da questão específica a que diretamente se refere. No momento em que se torna possível conhecer e relacionar toda a massa de informações relativas a uma determinada pessoa, do cruzamento dessas relações surge o perfil completo do sujeito considerado, que permite sua avaliação e seu controle por parte de quem dispõe do meio idôneo para efetuar tais operações.

Deste modo, o que alguém faz ou pode fazer com dados pessoais de terceiros, no sentido de o próprio titular ter o direito de determinar quais predicados dele mesmo poderão ser utilizados por outros, passou a ser objeto de proteção em novos regimes jurídicos, deflagrando, certamente, a privacidade como fundamento da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD.

Portanto, a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD surge para estabelecer diretrizes importantes e obrigatórias para coleta, processamento

e armazenamento de dados pessoais, sendo inspirada na GDPR (General Data Protection Regulation), que entrou em vigência em 2018 na União Europeia.

No Brasil, a LGPD (Lei nº 13.709, de 14/8/2018) entrou em vigor em 18 de setembro de 2020, representando um passo importante para o país. Com isso, o Brasil passou a fazer parte de um grupo de países que contam com uma legislação específica para a proteção de dados dos seus cidadãos. Diante dos atuais casos de uso indevido, comercialização e vazamento de dados, as novas regras garantem a privacidade dos brasileiros, além de evitar entraves comerciais com outros países.

A referida Lei se aplica a qualquer operação de tratamento realizada por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, independentemente do meio, do país de sua sede ou do país onde estejam localizados os dados. Para a LGPD, não importa o objetivo pelo qual tais entidades foram constituídas, se com foco principal e finalidade o tratamento de dados ou se o tratamento é só uma forma de apoio para a atividade principal, com fins lucrativos ou filantrópicos. A partir do momento que a pessoa jurídica adquire personalidade jurídica, estará apta a responder por seus atos, incluindo o cumprimento da LGPD, quando tratar dados pessoais e não se enquadrar em alguma exceção.

Em síntese, a implementação da LGPD é uma obrigação legal e não apenas uma mera opção de controle interno de gestão de riscos operacionais que poderia ou não ser adotada pelas organizações, pois caso não cumprida, poderá ensejar a aplicação de sanções administrativas e de responsabilidade civil.

Para maiores informações, entre em contato: juridico@fortinivolcato.com.br

7 árvores frutíferas que você pode plantar em vaso tranquilamente

Não só os vegetais, mas também os frutos podem ser cultivados em vasos.

Compre um vaso de planta livre de doenças de uma floricultura idônea. Comece com um vaso pequeno ou médio de 10 a 20 litros e, em seguida, à medida que vai crescendo a planta, vá trocando por vasos maiores até um de 75 a 90 litros, que é a medida ideal para uma árvore frutífera plantada em um recipiente.



1 – Limão

Os limoeiros se adaptam com facilidade quando são plantados em qualquer tipo de recipiente de jardinagem. Mesmo sendo uma fruta tropical, várias pessoas que vivem em regiões frias e temperadas também estão cultivando em vasos com sucesso essa fruta indispensável no nosso dia a dia.

Quase todas as variedades são adequadas, mas existem algumas que crescem melhor em condições específicas. O limão siciliano amarelo é perfeito para serem plantados em cozinhas e varandas, especialmente em zonas não tropicais.

2 – Romã

A romã é uma das frutas mais suculentas e saudáveis e, talvez, a mais fácil de cultivar em vasos. Isso porque tem um sistema radicular superficial comparando com outras grandes árvores frutíferas. Se você já cultivou ou cultiva frutas cítricas em vasos, o cultivo de romãs em recipientes não deve ser difícil para você. É um arbusto que pode crescer até 4 metros de altura se plantado no solo, mas em vaso desenvolve bem menos e não ultrapassa 1 metro.

Tem folhagem verde brilhante, flores em forma de cálice com pétalas alaranjadas, que vão dar origem a um fruto redondo como uma laranja com sementes internas rodeadas por uma suculenta polpa de cor rubi, com um sabor doce e refrescante.

Pode ser plantado em qualquer tipo de clima, inclusive de invernos frios. A romanzeira é conhecida por aumentar a longevidade.

Fonte: Assim que faz - www.assimquefaz.com

3 – Laranja e cítricos

Todas as laranjas e cítricos podem ser cultivadas em vasos, sendo estes arbustos grandes ou árvores pequenas.

Se você vive em um clima onde os invernos são suaves, essas frutas são realmente fáceis de cultivar, no entanto, você ainda pode cultivar uma laranjeira em um clima frio tomando os devidos cuidados no inverno. Em vasos, você pode cultivar laranjinhas, cidra e vários tipos de mexerica.



4 – Abacaxi

As plantas de abacaxi são pequenas e compactas e nunca crescem mais de 1 a 1 metro e meio de altura.

Além disso, as plantas têm raízes superficiais quando comparadas a outras plantas frutíferas ou árvores, e é por isso que é possível cultivá-las em vasos. No entanto, o abacaxi exige consistentemente um clima úmido e cálido para prosperar. Se você vive em clima temperado, você também pode cultivá-las em vasos dentro de casa e fornecer várias horas de luz solar direta diariamente.



5 – Cereja

As cerejas são perfeitamente adequadas para plantar em vasos. Cerejas preferem um clima ameno e um pouco de água, uma vez que não gostam de terras encharcadas. Porém, altas temperaturas e cli-



ma seco também podem danificar a planta, mas é um tipo de planta que sobrevive bem no frio.

A cerejeira agradece se tem solo bem drenado e composto de muita matéria orgânica.

6 – Amoras e Mirtilos

Plantar mirtilos em vasos é uma boa ideia se o solo do seu jardim é ácido. Use uma terra que seja específica para azáleas e camélias ou outras plantas que gostam de terras ácidas e um vaso grande é essencial para que sua planta de mirtilo cresça facilmente e forneça frutas por muitos anos.

Se você mora em áreas frias com inverno que tenha ao menos 300 horas de frio abaixo de 7,2°C, então você pode obter sucesso em plantar mirtilos em vaso. Caso contrário, as amoras são muito mais aptas para um clima ameno no inverno severo.

7 – Manga

Sim, o cultivo de mangueiras em vasos é possível. Na verdade, é muito frequente que as mangas prosperem bastante bem em vasos, especialmente as variedades anãs.

Uma mangueira só não vai prosperar em climas abaixo de 4°C, porque nesta temperatura baixa, flores e frutos vão cair. A não ser que você coloque o vaso dentro de casa ou dentro de uma estufa.

Mangas cultivadas em vasos crescem apenas de 2 a 3 metros. Precisam de um solo bem drenado, leve e altamente nutritivo.

Mantenha a árvore em uma área quente com pelo menos 6 horas de sol. Regue a manga algumas vezes por semana durante os meses quentes e uma vez a cada duas semanas no inverno.

Outras frutas que você pode plantar em vasos com sucesso são:

- Maçãs
- Figs
- Pêssegos
- Nectarinas
- Goiabas
- Melancias
- Bananas



Culturas de inverno devem gerar oportunidades de renda para os produtores gaúchos

Expectativa é de crescimento na área de trigo no Rio Grande do Sul devido à rentabilidade e negócios como o uso para nutrição animal

As culturas de inverno, além de auxiliarem agronomicamente o solo para o plantio das culturas de verão, este ano vão trazer renda ao produtor. Ao mesmo tempo, a demanda pela nutrição animal também é um fator preponderante para a alta procura pelos cultivos. A avaliação foi feita durante debate promovido na live Agropauta Web Talks, da Agência de Comunicação AgroEffective. Participaram o presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul (FecoAgro/RS) e presidente da Coopatrigo, de São Luiz Gonzaga (RS), Paulo Pires, o chefe-geral da Embrapa Trigo, Jorge Lemainski, e o gerente de pesquisa da CCGL e coordenador da Rede Técnica Cooperativa (RTC), Geomar Corassa.

Corassa trouxe números da RTC que apontam que a área de trigo no Rio Grande do Sul deve crescer ao menos 10% nesta safra e que, inclusive, pode superar as expectativas iniciais. “Conseguimos vislumbrar uma expansão em função de o produtor tentar usar melhor a sua área no inverno. Também há uma expectativa de preço diferenciado para o trigo que não se via há muitos anos e tudo isso anima o produtor. Mas também há uma perspectiva de expansão de áreas de outras culturas como aveia, canola, cevada, centeio e triticale que buscam seu espaço e trazem um viés de rentabilidade. Temos relatos de muitas cooperativas de que a área de canola, por exemplo, está crescendo, assim como a de cevada”, observou.

De acordo com Pires, o aumento na área de trigo deve ocorrer especialmente em locais que não eram tradicionais na implantação da cultura, além da manutenção em áreas intensivas como as Missões e a região de Santa Rosa. Sobre a questão dos custos em relação à renda, o dirigente reforçou que o produtor tem um cenário favorável como não se via há tempos. “Todos os produtores e técnicos sabem do potencial da lavoura de trigo hoje. Não tenho dúvidas que é um momento extraordinário para levar renda à propriedade. Saímos de uma safra boa de verão, com remuneração igualmente boa. É muito importante que quem trabalha com a pesquisa apresente o trigo como uma cultura fundamental na propriedade, assim como promissora tanto do lado agrônômico, técnico e, neste ano, também econômico”, salientou.

Lemainski apresentou, por sua vez, que no Brasil Central o cenário era de 220 mil hectares cultivados com trigo e agora há uma expectativa de aumentar para 250 mil hectares. Já no Sul do Brasil há o indicativo de quebrar a barreira de um milhão de hectares no Rio Grande do Sul. “Sob o aspecto técnico, a utilização da terra é imprescindível para melhorarmos a condição de estrutura do solo. Sob o ponto de vista da intensificação sustentável necessária, a melhor safra de verão é preparada no inverno, pois reduz o custo em R\$ 120,00 por hectare no uso de herbicidas, ressaltou.

Confira a live completa em www.youtube.com/agroeffective



Fotos: Paulo Pires FecoAgro Divulgação

Yes, nós temos pinhão!



Credito Embrapa
Foto Zig Koch

O inverno se aproxima, sem nenhuma dúvida, e os caminhos do pinhão até a nossa mesa estão abertos. A colheita da semente da araucária iniciou, oficialmente, em 15 de abril no Rio Grande do Sul, com publicação de portaria do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama). Cozido, na panela de pressão, e temperado com sal é uma das formas mais tradicionais de consumo do alimento. A perspectiva deste ano é de uma safra entre 30% e 100% superior à média geral, de 900 toneladas, em virtude de condições climáticas favoráveis e a alternância de produção da espécie.

Conhecida como o pinheiro brasileiro (*Araucaria angustifolia*), os maiores produtores da semente são, nessa ordem, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Minas Gerais e São Paulo também é possível encontrar as araucárias mas sem expressividade de produção pois são regiões não tão frias para o desenvolvimento da árvore que se adapta bem em altitudes entre 600 e 1.800 metros. A araucária é considerada uma espécie em extinção e está na lista da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN). Por isso, só é permitida a debulha natural para proteger a reprodução da mesma e garantir a vida da fauna nos remanescentes da Floresta com Araucária.

A árvore leva 20 a 30 anos para alcançar entre 13 e 17 metros e 40 e 50 anos para chegar até 50 metros. Tem espécies macho e fêmea e são necessários entre 12 e 15 anos para produzir o pinhão. A pinha, que é o fruto do pinheiro, leva cerca de dois anos para amadurecer e pesar até 3 quilos. A média de pinhões por pinha é de 120, podendo chegar até 200 sementes. É considerado um alimento funcional, benéfico à saúde, além de não conter glúten.

Em território gaúcho predomina a realização da atividade de forma informal. Por isso, segundo a engenheira florestal e extensionista rural da Emater/RS-Ascar, Adelaide Juvena Kegler Ramos, é difícil tabular dados sobre a quantidade de famílias agricultoras que compõe parte da sua renda com a colheita do pinhão, entre outras informações. De acordo com ela, pode-se afirmar que a região dos Campos de Cima da Serra é a que possui maior destaque nessa cultura dentro do Rio Grande do Sul.



“Conforme levantamento realizado pela Emater/RS-Ascar, São Francisco de Paula, que é o maior produtor do Estado, tem uma estimativa de produção para esse ano de 120 toneladas e 150 famílias que trabalham na atividade de extração e coleta do pinhão”, explicou Adelaide. Também se sobressaem as cidades de Cambará do Sul com 50 toneladas e 100 famílias; Muitos Capões com 100 toneladas e 70 famílias; São José dos Ausentes com 60 toneladas e 100 famílias; Bom Jesus com 70 toneladas e 120 famílias; Monte Alegre dos Campos com 50 toneladas e 40 famílias e Pinhal da Serra com 80 toneladas e 60 famílias.

“Dentro desse contexto para essas regiões produtoras a renda oriunda da coleta do pinhão é bastante significativa, tanto em termos de constituição de renda que representa, muitas vezes, o próprio sustento e também na oferta de um alimento com grande valor nutricional - principalmente para as famílias de mais baixa renda envolvidas com a atividade”, detalhou a engenheira florestal e extensionista rural da Emater/RS-Ascar.

Adelaide destacou que outra característica da atividade no Rio Grande do Sul é a comercialização in natura do pinhão, com venda direta ao consumidor final em estradas, feiras livres e também supermercados. A colheita pode ser realizada até julho.

PESQUISA

Um trabalho de pesquisa realizado pela Embrapa Florestas, em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), busca conhecer melhor a espécie e viabilizar a produção de pinhões em menos tempo por meio da técnica de enxertia. A ideia é incentivar seu plantio, possibilitar a geração de renda a produtores rurais e aumentar a oferta de um alimento saudável à população.

Como resultado de 18 anos de pesquisas, conduzidas pelo pesquisador Ivar Wendling, atualmente produtores rurais têm acesso a metodologias de seleção de plantas superiores, enxertia e implantação de pomares de pinhão precoce que começam a produzir na metade do tempo: de seis a oito anos. Também foram desenvolvidas técnicas para antecipação da produção de pólen para fecundação das pinhas. Além disso já existem cultivares registradas junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e viveiros treinados na técnica.

Entre as ações da Embrapa Florestas com a espécie *Araucaria angustifolia* está a Iniciativa Araucária, uma ação articulada para promover o plantio da Araucária com base científica e prática. Mais informações sobre as ações e tecnologias da Embrapa podem ser encontradas na página da Iniciativa. Abaixo segue link para download do livro Araucária: particularidades, propagação e manejo de plantios.

<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/160811/1/Araucaria.pdf>

Araucária

particularidades, propagação e manejo de plantios

Ivar Wendling
Flávio Zanette
Editores técnicos



Crédito Embrapa
FotoKatiaPichelli



Crédito Pixabay



Crédito Embrapa
FotoKatiaPichelli



Escolas agrícolas gaúchas recebem equipamentos de emenda parlamentar

Verba de R\$ 30 milhões foi liberada em 2018 e vai ajudar na modernização das instituições de ensino

Em solenidade oficial na Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, no último dia 24 de maio, com a presença do governador Eduardo Leite, foram entregues às escolas agrícolas gaúchas tratores e outros equipamentos agrícolas. Os implementos foram conquistados com os recursos de emenda da Bancada Gaúcha no Congresso Nacional que destinou R\$ 30 milhões para equipar as instituições.

Segundo o presidente da Associação Gaúcha dos Professores Técnicos de Ensino Agrícola (Agptea), Fritz Roloff, este momento é um marco para as escolas agrícolas gaúchas. Salienta que há muito tempo estes equipamentos agrícolas estavam sendo pleiteados. “A Agptea lutou muito com o Conselho de Diretores das Escolas Agrícolas Estaduais para que isso pudesse acontecer. Reforçamos a nossa satisfação. Se estivermos unidos e arregaçarmos as mangas, conseguiremos as conquistas. Este é um grande momento”, destaca.

Roloff salienta que a Agptea e os diretores das escolas técnicas agrícolas reconhecem o esforço especial do líder da Bancada Gaúcha, deputado federal Giovani Cherini, que apoiou o pleito e foi decisivo para que esta demanda tivesse êxito, bem como a equipe da Superintendência da Educação Profissional (Suepro) da Secretaria Estadual da Educação, que está executando o processo licitatório.

O presidente do Conselho de Diretores das Escolas Agrícolas Estaduais, Luiz Carlos Cosmam, salientou a importância da entrega destes materiais, principalmente na parte pedagógica e o suporte que darão para as instituições. “Nossas escolas tinham esse déficit de equipamentos e com essa emenda obtivemos a possibilidade de renovação. Além de modernizar a escola, teremos a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem. O agronegócio está cada vez mais tecnificado e as escolas com equipamentos sucateados. A partir dessa conquista, as instituições escolares poderão também ter acesso a essa tecnologia já utilizada nas propriedades rurais”, observa.

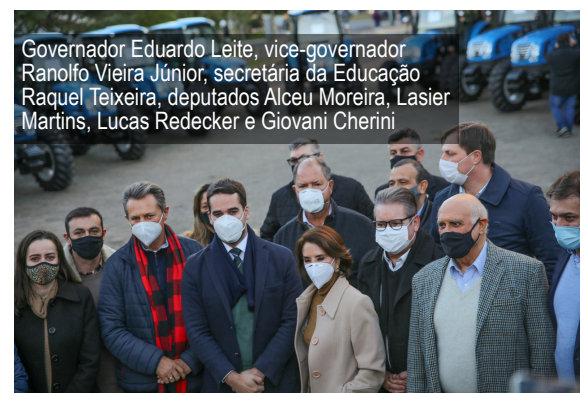
Cosmam destaca que são diversos tipos de equipamentos que começam a chegar nas escolas como kit de energia solar, equipamentos de informática e implementos para o manejo de animais, entre outros, que também contribuirão para a produção agrícola. A verba foi aprovada no dia 30 de outubro de 2018. Desde então, era esperada a resolução de detalhes burocráticos para que os recursos pudessem chegar até as escolas agrícolas do Estado.



Dep Giovani Cherini, Roberto Dalpiaz Rech - assessor da Bancada do PL, Fritz Roloff, presidente da Agptea



Direção e professores da E. E. Técnica Guaramano de Guarani das Missões, Carlos Carvalho - chefe de gabinete do dep Ernani Polo



Governador Eduardo Leite, vice-governador Ranolfo Vieira Júnior, secretária da Educação Raquel Teixeira, deputados Alceu Moreira, Lasier Martins, Lucas Redecker e Giovani Cherini



Dep Pompeo de Mattos, Diretor da EEPROCAR Celito Luiz Lorenzi



“Esse momento representa um marco para o Rio Grande do Sul, especialmente para as escolas agrícolas que estão sendo contempladas com equipamentos que há muito tempo estavam sendo pleiteados e que através de uma emenda parlamentar da Câmara Federal, no valor de R\$ 30 milhões, foram conquistados. A data marca o início oficial da entrega desses equipamentos agrícolas que envolvem, entre outros, tratores e camionetes. Com certeza, é um dia para ser festejado. E também queremos aproveitar para agradecer a todos aqueles que se envolveram nessa conquista que, com certeza, vai fazer a diferença.”

Fritz Roloff - Presidente da Agptea



“Esses equipamentos, essa conquista, serão fundamentais para a melhoria da realização das práticas pedagógicas orientadas de nossos alunos nos setores educativos e de produção, pois irão agregar novas tecnologias e inovações no aprendizado do fazer na prática. Também auxiliarão no manejo e melhoria da produção de nossa escola. Porém, o maior ganho será a qualidade da formação técnica de nossos alunos, futuros profissionais.”

Elenice Masaria Cichoki Iuhniseki - Diretora da E. E. Técnica Guaramano de Guarani das Missões



“Esta emenda parlamentar que destinou recursos para as Escolas Agrícolas era uma reivindicação antiga; sendo que as conversas foram iniciadas há bastante tempo junto a alguns deputados, vindo a culminar com a efetivação da mesma. Quanto à importância para as nossas escolas, sem dúvida nenhuma talvez seja uma das maiores conquistas em termos de modernização de equipamentos e qualificação do processo pedagógico. Eu, como integrante da direção da Agptea e do conselho de diretores, fiz parte de todas as tratativas, inclusive na peregrinação pelos gabinetes em Brasília. Portanto, é uma satisfação ver isto se concretizar. Certamente vai ser de grande valia para cada escola e servirá para melhorar a qualificação dos nossos alunos que farão a diferença na atividade agropecuária do nosso estado e país”.

Celito Luiz Lorenzi - Diretor da Escola Estadual de Educação Profissional de Carazinho (EE-PROCAR)



“Para a realidade da nossa escola, essa chegada de equipamentos está sendo um dos eventos mais importantes que a instituição passou nesses últimos anos. Estou no meu terceiro ano de gestão e dentro deste período, com certeza, em termos de aquisição, de crescimento, é um ponto fundamental, é um divisor de águas. Nós temos o antes da chegada dos equipamentos e o pós. Tanto para o aprendizado do aluno quanto para a existência da escola, eles abrem futuro. Nós temos agora como receber mais alunos e oferecer melhores condições de ensino agrícola. Estávamos muito defasados em equipamentos, o que vinha comprometendo o ensino. Hoje nós temos equipamentos completos para fazer e ensinar o plantio, lidar com os animais na zootecnia. Os professores agora se sentem motivados porque poderão passar aos alunos o conhecimento necessário para que se tornem profissionais competentes. Essa chegada dos equipamentos veio para dar um conforto, mostrar futuro, neste momento de angústia em relação à pandemia e economia fragilizada”.

Fábio Bialoglowka - Diretor do Colégio Agrícola Estadual Daniel de Oliveira Paiva, de Cachoeirinha (Cadop)



“Em nome do Colégio Agrícola Estadual Ângelo Emílio Grando, de Erechim, gostaria de parabenizar a todos pela vinda desses equipamentos para as escolas agrícolas. A chegada desses materiais vem proporcionar a substituição dos equipamentos que já possuem muitos anos de utilização, além de alguns já estarem sem uso. É um momento importante pois necessitamos cada vez mais gerar novos conhecimentos com tecnologias modernas. Os estudantes que frequentam as escolas agrícolas vêm de propriedades que estão periodicamente se modernizando. Diante disso, é de suma importância que as escolas ofereçam essa qualidade para melhor aprendizado dos alunos e produtividade dos setores didático pedagógicos das escolas”.

Delomar Ceron - Diretor do Colégio Agrícola Estadual Ângelo Emílio Grando, de Erechim



“Nossas escolas tinham esse déficit de equipamentos e com essa emenda obtivemos a possibilidade de renovação. Além de modernizar a escola, teremos a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem. O agronegócio está cada vez mais tecnificado e as escolas com equipamentos sucateados. A partir dessa conquista, as instituições escolares poderão também ter acesso a essa tecnologia já utilizada nas propriedades rurais”.

Luiz Carlos Cosmam - Conselho de Diretores das Escolas Agrícolas Estaduais



Novo assessor institucional da Agptea vai ajudar no desenvolvimento de novos projetos

A Agptea conta desde abril deste ano com a colaboração de Mauro Rosso, que já foi titular da Superintendência da Educação Profissional do Estado (Suepro). Ele chega para assessorar a entidade em busca de novos projetos. Originário de escola agrícola, Rosso afirma ter boas expectativas em relação ao trabalho que começa a desempenhar junto à associação. “Com formação técnica, também faço parte deste processo e é dentro deste contexto que vamos iniciar o trabalho. O foco é dar mais dimensão, aproximar mais a Agptea das escolas com projetos futuros”, salienta.

Rosso destaca que o contexto social hoje vivenciado, em função da pandemia da Covid 19, atrapalha um pouco ao privar deslocamentos, visitas e reuniões presenciais. No entanto, tem a esperança de que em breve tudo isso será superado e o trabalho ganhará mais agilidade.

Entre as primeiras ações do novo assessor está o projeto de construção de um centro de capacitação e

formação continuada na praia de Itapeva, em Torres, onde a Agptea possui uma pousada para os associados. Segundo ele, a ideia inicial está em formatação. “Fechamos parceria com um escritório de engenharia e arquitetura que fará um levantamento físico de viabilidade desta construção”, explica Rosso, colocando que o objetivo deste Centro de Formação (treinamento) é fazer a aproximação com entidades como universidades e empresas que possam ajudar a ampliar os horizontes dos nossos técnicos agrícolas e professores da área através da oferta de cursos de aperfeiçoamento.

Uma outra linha de ação é a busca por novos convênios. Rosso lembra que a Agptea abrange quase 10 mil pessoas (famílias) entre seus associados. “É um grande universo de consumidores em potencial. Portanto, precisamos disponibilizar a eles uma gama de ofertas. Podem ser lojas de roupas, ferragens, planos de saúde, convênios odontológicos, entre outros”, observa.



Diretor do Sindicato dos Técnicos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Sintargs), Luiz Roberto Dalpiaz Rech, falou à Revista Letras da Terra sobre a construção do Centro de Formação Continuada

LT - Como o senhor avalia esta iniciativa da Agptea em construir um Centro de Formação Continuada?

Roberto Dalpiaz Rech - A iniciativa da Agptea de colocar à disposição de professores e profissionais técnicos, um Centro de Informação Continuada, vem ao encontro de uma necessidade que está sendo exigida nos tempos atuais, que é potencializar, fortalecer e respaldar a atuação desses profissionais nas suas respectivas áreas de atuação.

LT - Sob a ótica do Sindicato, como o senhor vê o envolvimento e a necessidade de formação para estes técnicos?

Roberto Dalpiaz Rech - As atribuições dos Técnicos Agrícolas, em suas diversas modalidades, estão dispostas na Lei nº 5.524, de 5 de novembro de 1968, e seu Decreto Regulamentador de nº 90.922, de 6 de fevereiro de 1985, e sua alteração posterior. Em que pese possuímos, em nossas escolas bons professores, nota-se uma necessidade de modernização no que se refere à formação profissional. Faltam equipamentos e melhores instalações. A possibilidade desses profissionais, recém saídos das escolas, bem como os demais, de buscarem mais conhecimento e terem acesso a novas tecnologias, permitirá que tenham melhores condições de atuar no mercado de trabalho, sendo, portanto, mais valorosos para a sociedade.

LT - Quais áreas o senhor acredita que estão mais deprimidas em relação à necessidade de formação e capacitação?

Roberto Dalpiaz Rech - Considerando que, de acordo com a legislação, as atribuições dos Técnicos Agrícolas são imensamente amplas, como responsabilizar-se pela elaboração de projetos e assistência técnica, laudos, pareceres, relatórios e projetos, inclusive de incorporação de novas tecnologias, bem como administrar propriedades rurais em nível gerencial entre outras, falta-lhes noções mais profundas de empreendedorismo, gestão de pessoas e acesso e manuseio das novas tecnologias disponíveis no mercado.

LT - Uma das ideias da Agptea é criar junto a este Centro de Formação um pequeno horto medicinal, ou seja, uma produção de plantas medicinais em estufa, assim como também construir um pequeno laboratório para práticas de essências naturais. Uma produção de forma pedagógica. Qual a sua opinião sobre esta iniciativa?

Roberto Dalpiaz Rech - Essa iniciativa deve ser parabenizada, pois demonstra que a Agptea está plenamente sincronizada com Fitoterapia, já inserida no SUS, e com o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que tem como objetivo garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional. Considerando o novo conceito de saúde integral, as plantas medicinais deverão ser produzidas em grande escala para atender a demanda que cresce a cada dia, vem em muito boa hora a decisão de a Associação criar um pequeno horto para plantio, colheita e a extração das essências, preparo e uso de plantas medicinais.